

TERRORISMO E RECONCILIAÇÃO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 31.08.82

O pior dos inimigos de uma sociedade democrática, ou que caminha com dificuldades para a democracia como é o caso do Brasil é o radicalismo. E o pior dos radicalismos é o terrorismo.

Ora, a falsificação de que está sendo vítima o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns e o jornal O São Paulo é uma forma de terrorismo. Como é uma forma de terrorismo a violação e a troca de conteúdo de correspondência. E ainda é quase terrorismo um diretor dos Correios e Telégrafos (cujos serviços progrediram tanto no Brasil nos últimos anos) perder a compostura e ofender com palavras de baixo calão o cardeal de São Paulo para se defender de acusações por ele mesmo criadas.

Na verdade quando esse tecnoburocrata afirma que afastou-se da Igreja há 14 anos devido às posições políticas da mesma, ele revela um pensamento de direita radical, que felizmente é hoje no Brasil rigorosamente minoritário. É o pensamento radical dos terroristas de bancas de jornal e do Riocentro, que se expressa hoje na falsificação de jornais e cartilhas da Igreja. Definitivamente a burguesia, apesar de seus ranços autoritários e de seu neoliberalismo econômico (que só é compatível em um país como o Brasil com o autoritarismo) não comunga com essas idéias.

Por outro lado, quando o lamentável administrador dos Correios e Telégrafos acusa Dom Paulo de “caluniador” por ter informado à imprensa da violação da correspondência (que o Cardeal não sugeriu que tenha sido feita pelo Correio, mas por elementos nele infiltrados), e afirma em seguida que o objetivo de Dom Paulo deve ser “atingir o Governo”, ele revela uma atitude autoritário-paranoica muito própria de certo tipo de tecnoburocracia ainda instalada no poder.

Não cabe dar importância a esse pobre tecnoburocrata de segundo ou terceiro escalão, mas criticá-lo em tese é importante, porque esse tecnoburocratismo autoritário, que ele representa, e do qual os falsificadores e terroristas de direita são o exemplo limite, constituem ainda uma ameaça grave à democracia neste país.

Essa direita radical é especialmente incapaz de compreender a opção preferencial pelos pobres que a Igreja fez. É incapaz de reconhecer a extraordinária serenidade e coragem com que Dom Paulo tem defendido os torturados políticos (no passado), os pobres, os oprimidos. E principalmente é incapaz de distinguir essa posição firme em favor dos direitos humanos e da justiça social com os radicalismos de esquerda (que também existem mas hoje estão felizmente paralisados).

O radicalismo de direita não percebe que uma posição como a que a Igreja vem assumindo no Brasil desde 1968 (reunião de Medellín) é fundamental para uma efetiva conciliação neste país. Uma conciliação que o recente documento “Momento Nacional” da CNBB preconiza expressamente. Não uma reconciliação das elites, nem uma reconciliação imposta de cima para baixo, mas uma verdadeira e dinâmica reconciliação. Que dê lugar para os conflitos, que abra oportunidade para as divergências, que reconheça os interesses por vezes distintos por vezes coincidentes das classes sociais, mas que impeça o autoritarismo, a exploração grosseira do trabalhador, a corrupção econômica e eleitoral desbragada, e principalmente os radicalismos e terrorismos de todo tipo.(31/08/82)